

zoidal, tendo no interior do recinto edificações e vegetação ~~xxix~~ abundante. Que forte seria este? O Padre Carvalho oferece-nos não menos de trez a escolher - o de S. José, o de Santa Catarina e o da Boa Viagem - todos situados entre o de N. Sra. da Conceição, na foz do Rio de Alges e a ponte da Cruz Quebrada. O certo é que neste troço o pintor dos azulejos apenas nos mostra um forte e a sua posição relativa, parece avisinhar-se do sitio de Santa Catarina-a-Velha, ~~na~~ calhando-lhe portanto melhor ~~xxix~~ esta invocação.

Mais para o poente e em nivel inferior ao Convento e Palácio de Santa Catarina, está o Convento de N. Sra. da Boa Viagem, também conhecido por Convento Novo, ou ainda por Santa Catarina-a-Nova. Era mais modesto do que o anterior e estava ligado à ribeira por escadaria que vinha dar à ponte sobre o Jamor. Esta ponte que se vê na extrema esquerda do painel, foi construída ao mesmo tempo que as de Alges ^{e a de Caxias} - em 1618 - por deligencia de Frei Rodrigo de Deus, religioso do visinho convento da Boa Viagem. Com estas pontes prejudicou-se o negócio de uns tantos possantes homens que tinham por profissão carregar os viandantes às costas atravez os ribeiros... (18)

(18) Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno..., Lisboa 1874, s.v. Cruz Quebrada.

O Convento de N. Sra. da Boa Viagem resultou, como vimos, da necessidade de transferir os frades de Santa Catarina de Ribamar do Convento velho, quando este, abandonado da protecção do padroeiro, ameaçava arruinar-se. Vejamos, resumidamente, o que nos contam os cronistas capuchos sobre o Convento Novo. Dissemos que foi por disposição testamentaria de António Faleiro de Abreu "fidalgo muito honrado e devoto da provincia", que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, sua testamenteira, comprou o Cano do Mouro, propriedade de um tal Leonel de Moura. Logo ^{em 1618} se fez uma Ermida para onde os frades ~~xxxx~~ levaram a Imagem de Santa Catarina, trazida do Convento velho, a qual, entronizada, deu o nome ~~xxxxx~~ à nova casa; Santa Catarina-a-Nova.

Por obra do superintendente das obras nomeado pela Misericórdia - Simão da Cunha, Trinchante-mór, - se contruiu a cerca e reunirão as aguas, sendo particularmente apreciada uma fonte que estava no adro, sitio muito procurado para passeios e recreação. Só em 1622 se lançou a primeira pedra da Igreja propriamente dita e as obras proseguiram até 1630 quando começaram a escassear os meios devido à tomada da Ilha de São Tomé pelos Holandeses. Recorreram os frades a esmolas a fim de apressar as obras e obtiveram um donativo de D. Maria de Azevedo, em 1633 com o qual se terminaram ~~as obras~~ da Igreja de sorte a poder ser transferido o Santissimo da antiga Ermida. Outras esmolas iam possibilitando o acabamento do Convento, como, por exemplo a do impressor Lourenço de Anveres, e, em 1636, como o Convento Velho estivesse novamente em condições de ser ocupado, para lá voltou a Imagem de Santa Catarina, ficando o Convento Novo com a invocação de N. Sra. da Boa Viagem, Imagem muito devota da gente do mar e que já era especialmente venerada nesta casa.

No painel de azulejos mostra-se a fachada da Igreja e advinha-se o recinto da capela-mor, de planta circular.

As ilações históricas que se podem tirar das narrativas conventuais não permitem determinar datas mais precisas para a feitura dos azulejos. Vieira da Silva propoz 1734 como ano médio para os azulejos da Grande Vista de Lisboa; pela minha parte julgo que se pode recuar de alguns poucos anos esta data, fundando-me na análise tipológica da pintura e da tecnica que melhor se quadram com a produção de cerca de 1720. ~ 30